

AUTOBIOGRAFIA¹

Ruy do Carmo
PÓVOAS²

Quando eu nasci, o mundo estava em guerra e creio que, quando eu partir, ele estará em guerra ainda. Fui recebido na existência por Oxalufã e Oiá que me aparraram e mandaram que me banhassem em água de ouro. Os ancestrais me convocaram e eu obedeci: percorri a trilha da iniciação no candomblé e tornei-me babalorixá. As bênçãos que deles recebi me levaram também pelos caminhos do magistério e me formei em Letras. Também me construí um escritor.

[1] Texto originalmente publicado no livro *Da porteira para fora*, Editus, Ilhéus, Bahia, 2007.

[2] Professor titular (aposentado) de Língua Portuguesa – UESC. Babalorixá do Ilê Axé Ijexá. Membro das Academias de Letras de Ilhéus e Itabuna. E-mail: ajalah@uol.com.br.

E no entrelace dessas três trilhas, caminhei escrevendo em prosa e em verso.

Isso, no entanto, me fez andar muitas vezes no fio da navalha.

A multiplicidade de papéis desempenhados me fez mergulhar na formação teórica da Linguística. Ferdinand de Saussure era referência necessária e obrigatória, pois como diz Benveniste, “não há, hoje, linguista que não lhe deva algo”²². Nesse terreno, os estudos semânticos sempre me atraíram. Fillmore, Katz, Fodor e John Lyons me apontaram as direções. A sintaxe, porém, sempre me desafiou e eu me enveredei pelos caminhos do gerativismo, a partir das concepções de Chomsky, depois de ter passado por Pottier.

Nunca pude esquecer uma passagem de minha infância. Quando eu cheguei à escola primária, tive certeza de que minha professora era uma estrangeira. Ela falava uma espécie de língua que me deixava à deriva. Só muito mais tarde Labov me faria entender a questão, enquanto Weinreich e Heye me ajudariam a solidificar posições.

Mas havia também a trilha do candomblé. Nesse terreno, nunca passei por choque al-

gum, pois já nasci entre a gente de terreiro. Minha ancestral foi Inês Maria. Ela veio de Ijexá, onde tinha sido uma nobre sacerdotisa de Oxum, trazida à força, para ser escrava no Engenho de Santana, em Ilhéus, na Bahia. Na senzala, ela gerou uma única filha, com um



Foto 4: acervo Ilê Axé Ijexá

negro de origem angolana, de nome Leocádio. Inês era também conhecida por Mejiçá, seu nome africano. Ela foi liberta-

da tempos depois, por causa da velhice, e morreu aos 115 anos. Quando chegou o tempo, sua filha, que se chamava Maria Figueiredo, casou-se com Antônio do Carmo e eles geraram nove filhos. Ulisses, um desses filhos, foi pai de 23 filhos, entre os quais Maria do Carmo, que foi minha mãe. Os descendentes de Mejiçá eram negros que praticavam o culto aos orixás. E isso se constituiu em herança, que foi passando de geração em geração, até que os ancestrais me convocaram, já na quinta geração.

Quando meu tempo chegou e eu completei o período de iniciação, Maria Natividade Conceição, Mãe Mariinha, ialorixá do Ilê Iansã Dewi, de Nazaré das Farinhas (BA), me transmitiu o cargo de babalorixá. Ela veio pessoalmente com seus olois plantar os axés do



Foto 5: acervo Ilê Axé Ijexá

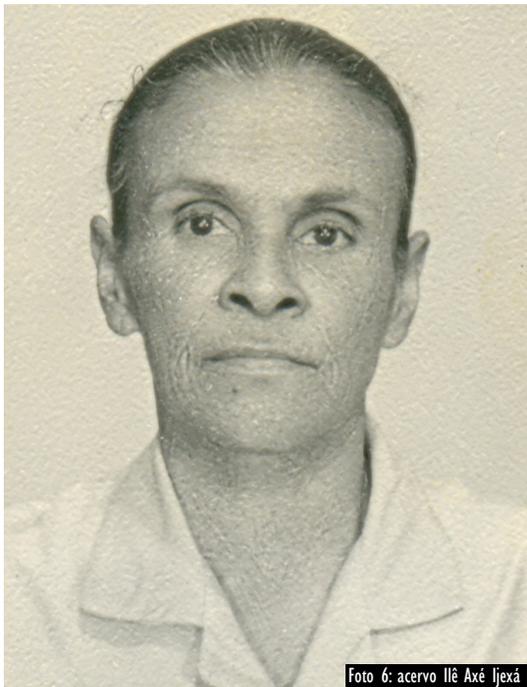


Foto 6: acervo Ilê Axé Ijexá



Foto 7: acervo Ilê Axé Ijexá



Foto 8: acervo Ilê Axé Ijexá

Axé Ilê Ijexá, que dirijo até hoje. A exclusiva visão *desde dentro* do terreiro³, no entanto, ainda não me permitia dizer das coisas dos negros, dos afrodescendentes, da religião de meu po-

vo, sem fundamentar uma *visão desde fora*. Nessa trilha, a caminhada tem sido longa e, muitas vezes, espinhosa. Caminhei por Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Ruth Landes, passando por Edison Carneiro e Donald Pierson. Foi Roger Bastide, contudo, quem me convenceu. E mesmo que eu já tivesse contato com um número até vantajoso de teóricos, seja da Sociologia, seja da Antropologia, seja da Etnologia, no meu entender, ninguém sentiu tão profundamente o candomblé, tal qual ele conseguiu fazer. Bastide me fez entender o que Clyde Ford⁴

me reafirmou depois: no Brasil, tomamos a mitologia do judaísmo e do cristianismo como fatos históricos; em se tratando, porém, de mitologia africana ou afrodescendente, tudo é tomado como um conjunto de histórias para divertir ou lendas engraçadas, conta-

das por pessoas velhas do interior ou da periferia.

A caminhada não se faria mais adequada sem Bachelard, Durand, Eliade, Foucault, Gennep, Jung, Maffesoli e os incomparáveis Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga, Muniz Sodré, Pierre Verger e Reginaldo Prandi, cada um deles em áreas específicas, para citar alguns dos mais importantes.

[3] Cf. SANTOS, Juana Elbein dos.

Os Nagô e a morte: pàde, àsesé e o culto de ègun na Bahia. Trad. Universidade Federal da Bahia, 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

[4] FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano:** mitos da África. Trad. C. M. Rosa. São Paulo: Summus, 1999, p. 9.



Foto 9: acervo Ilê Axé Ijexá

Instituto de Identificação

Emilia, 7 de Novembro de 1938

Nome OTAVIO PORTELA PÓVOAS

Nascido a 4-Janeiro-1883

Nacionalidade Brasileira

Naturalidade Distrito Federal

Filiação Antonio Ferreira Póvoas e Claudionor

Portela Póvoas

Estado civil casado

Profissão agricultor

Côr. branca Olhos castanhos médios Cabelos castanhos escuros Bigode usa rapado Barba usa rapada

Marcas, cicatrizes, etc. Cabeça: calvicie Fronte ocpital

Assinatura do Portador

Registro geral N. 126.684

Serie V. 4443

Segção V. 4442

Foto 10: acervo Ilê Axé Ijexá

Se a construção do meu olhar e de minha vivência *da porteira para dentro* do terreiro me deixava à vontade entre os meus, duas coisas me incomodavam bastante: um nítido e eterno protestar contra a vitimação e a negação dos afrodescendentes, muitas vezes carregado de ódio por ambas as partes, e a falta de ocupação dos espaços de afirmação na região grapiúna, por parte de sujeitos construtores do conhecimento afrorreligioso. Decidi por não olvidar a primeira situação, mas sobre tudo buscar a construção da segunda.

O despertar aconteceu a partir da convivência com Mãe Mariinha. Fui me formando, enquanto me informava e me deixava impregnar pela visão

larga daquela ialorixá tão consciente de seu papel na existência. Em primeiro lugar, ela não se deixou cair nas armadilhas do ódio. Por isso mesmo, construiu oportunidades de trânsito entre os mais diversos segmentos sociais e religiosos de sua cidade. Mantinha correspondência com um sacerdote sediado na cúpula católica em Roma, personalidade que não deixava de visitá-la, quando vinha ao Brasil. De um modo geral, em seu terreiro, quando aconteciam cerimônias públicas de graduação de novos filhos, uma personalidade de destaque na sociedade local era convidada para discursar, enquanto uma outra era tomada como padrinho ou madrinha civil. Nos banquetes religiosos

oferecidos, pessoas que ocupavam posições de destaque eram convidadas para sentarem-se à mesa, entremeadas com os altos dignitários do terreiro. Assim, artistas, doutores, advogados, professores faziam parte da festa entre lavadeiras, cozinheiras, pedreiros, açougueiros, desempregados e toda uma variedade de gente do povo. Os convidados sentiam-se homenageados e os do terreiro percebiam que o seu saber religioso lhes dava âncora para firmar-se no espaço social mais amplo.

Mãe Mariinha entendia que não adiantava travar batalha com Roma, mas era preciso mostrar que o ritual do candomblé nada ficava devendo aos outros credos. Quando ela

realizava a festa do “Presente das Águas”, mandava construir um grande caramanchão de palha nova, numa das ruas principais da cidade. O som dos ataques fazia a população convergir para aquele local, onde ela realizava alguns ritos públicos. E ainda não satisfeita, antes que os “presentes” para Oxum e Iemanjá fossem postos nos barcos, ela realizava um cortejo e percorria as ruas principais da cidade até à porta da igreja matriz. Lá, gente de terreiro e católicos populares realizavam um ato de louvação que era entoado, cantado e dançado em louvor simultâneo a Nossa Senhora de Nazaré e a Oxum. Até os mais radicais e conservadores vinham para ver.

Quando havia inauguração de um prédio público, o sacerdote católico oficializava uma bênção. Mãe Mariinha não perdia a oportunidade para também e rapidamente, realizar uma bênção ritual, em nome dos orixás. Mesmo aqueles que não gostavam, sequer tinham tempo para protestar. Ela fazia tudo acontecer como se fizesse parte da comiti-



Foto 11: acervo Ilê Axé Ijexá



Foto 12: acervo Ilê Axé Ijexá

va oficial de inauguração, aproveitando-se do fato de ser conhecida de muitos. E no momento dos agradecimentos, ela terminava recebendo os elogios públicos da comissão organizadora. Enquanto isso, alguns fi-

lhos-de-santo se negavam a participar de tais eventos, com vergonha de aparecer em público. A esses, ela só faltava “matar”.

Mãe Mariinha ensinava sempre que era na porteira do terreiro onde nós, seus filhos de santo, devíamos “fincar o pé” e de lá, espiar para dentro e espiar para fora. *Da porteira para dentro*, Iansã resolvia tudo. *Da porteira para fora*, seria com a gente. “Uma vista alimentava a outra” ela dizia sempre. E ainda acrescentava: “De nada va-

le viver dentro do terreiro, se isso de nada prestar para o viver lá de fora”.

A prática, então, estava ali, à minha disposição. Faltava-me, no entanto, elementos teóricos para o necessário embasamento, a fim de que a minha fala fosse pelo menos ouvida no meio acadêmico, cuja resistência era singular na minha terra e ainda continua

sendo. Foi nessa procura que encontrei Juana Elbein dos Santos. Aliás, foi ela quem me descobriu através do povo de terreiro e me convidou para participar de um evento patrocinado pelo INTECAB, em Salvador, nos anos 80.

De lá voltei com algumas de suas publicações que ela me presenteou. Foi então que eu encontrei em seu livro *Os nagô e a morte* o referencial que me convenceu. Com larga experiência acadêmica e também senhora de uma vivência participativa em terreiro da tradição afrodescendente, Juana se me afigurou, fazendo minhas as palavras da música popular brasileira, “a branca mais negra da Bahia”. Não era, no entanto uma simples questão de cor da pele. Antes de tudo, a construção de um pensamento científico, sob cuja égide eu não estaria falando sozinho.

Seguidamente, o contato com o pensamento de Marco Aurélio Luz⁵, também cultor de uma metodologia a partir de Juana, contribuiu para reafirmar

minhas posturas. Seu livro *Cultura negra e ideologia do recalque* é por demais esclarecedor. Mais recentemente, o magistral trabalho de Inacyra Falcão dos Santos⁶, *Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação*, seguindo a mesma trilha, terminou por contribuir para que eu enriquecesse as vias metodológicas para os meus trabalhos.



Foto 13: acervo Ilê Axé Ijexá

Em que consiste essa postura considerada *da porteira para fora*? Ela e aquela outra, da *porteira para dentro*, formam uma posição dicotômica, isto é, uma é o contrário da outra. Nem por isso, contudo, excludentes. Teoricamente são posicionamentos que se ligam à concepção “desde dentro” e “desde



Foto 14: acervo Ilê Axé Ijexá

[5] Cf. LUZ, Marco Aurélio.

Cultura negra e ideologia do recalque. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

[6] Cf. SANTOS, Inacyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação.** Salvador, BA: EDUFBA, 2002.



fora”, respectivamente, por demais conhecidas de pesquisadores, principalmente na Etnologia. No capítulo introdutório de seu livro *Os nagô e a morte*, Juana se debruça sobre o assunto com zelo e gentileza.

Partindo das concepções de Robin Horton e Meyer Fortes, Juana concebe o caminho a percorrer na escritura de sua tese de doutorado pela Sorbonne. Para ela, o iniciado é aquele que aprendeu os elementos e os valores de uma cultura “desde dentro” e, ao mesmo tempo pode abstrair dessa vivência real os mecanismos do conjunto, seus significados dinâmicos, suas relações simbólicas, numa abstração “desde fora”. Para tal empreendimento, três níveis. Um, o factual

que é, antes de tudo, dinâmico. Trata-se de conhecer pela vivência os rituais e seus contextos. É o ritual que confere o poder de sentir a realidade com novos olhos, conforme afirma Inacyra,⁷ seguindo os passos de Juana. O segundo nível, o da revisão crítica, propicia revisão de conceitos e descrições em voga. Isso exige atualização e alargamento através de muita leitura. Quanto ao terceiro nível, o da interpretação, trata das subjacências dos símbolos.

A esse aparato, acrescento o trato com a linguagem, a partir da compreensão de Bell,⁸ quando afirma que,

[...] para comunicar-se eficientemente, o falante precisa controlar, não so-

mente o código linguístico, mas as escolhas de canal através dos quais o código é atualizado, as variáveis situacionais que modificam tais escolhas e as regras sociolinguísticas que permitem o discurso coerente e sustenta ou cria as relações sociais.

Esse caminhar, porém, não foi estanque, nem obedeceu a uma sequência cronológica. Foi um aprender a fazer fazendo. Mesmo, oriundo da área de Letras que eu era, nas demais áreas, faltava-me tudo. Para atender a contento a convocação dos ancestrais, porém, era necessário sempre ir mais adiante e mais fundo. E o principal desafio era a crença. Não a crença religiosa, mas a crença da academia, a crença da sociedade maior na qual estou mergulhado.

Apesar de um número notório de terreiros existentes na Região do Cacau, as práticas religiosas afrodescendentes sempre foram tratadas com desdém. Se a cidade do Salvador e seu recôncavo já ocupavam lugar de destaque no cenário nacional, a respeito do candomblé, isso estava – e creio que ainda permanecerá assim

[7] Idem, ibidem, p. 29-30.

[8] BELL, Roger T. **Sociolinguistics: goals, approaches and problems.** London: Batsford, 1976. p. 130.



Foto 16: acervo Ilê Axé Ijexá

por muito tempo – muito longe de acontecer com o Sul da Bahia. Aqui, o sentimento de vitimação e negação foi também muito sedimentado entre os praticantes do candomblé. Se ainda faltava delatar a vitimação e a negação, faltava mais ainda firmar com orgulho o saber do terreiro, que nada fica devendo a outros conhecimentos. Não se trata de hierarquia entre saberes e sim, da conquista do espaço para o saber afrodescendente que não só era negado, mas desapropriado também. Tal conhecimento não é melhor nem pior, mas é outro. Percebendo isso, aquela ordem dos ancestrais foi redimensionada na minha cabeça. O resto veio a reboque.

Era necessário, contudo, situar-me no terreiro *da porteira*



Foto 17: acervo Ilê Axé Ijexá

pra dentro e, de lá esparramar o meu olhar *da porteira para fora*. Não foi o “Grito do Ipiranga”, nem muito menos teve data precisa para acontecer: foi acontecendo, assim, em aulas, oficinas, entrevistas, palestras, mesas-redondas, seminários, encontros. Também nos escritos literários em prosa e verso.

E quando a Academia de Letras da Bahia me concedeu o “Prêmio Xavier Marques” pelo meu livro de contos *Itan dos mais-velhos*, tomei isso como o primeiro sinal da repercussão de minha decisão de conquista daquele espaço a que já me referi. A Editus, editora da Universidade Estadual de Santa Cruz,



Foto 18: acervo Ilê Axé Ijexá



Foto 19: acervo Ilê Axé Ijexá



Foto 20: acervo Ilê Axé Ijexá

abriu a porta para a editoração de meus escritos e vários colegas da UESC atenderam ao meu convite para juntos fun-

darmos o Kàwé – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais. A trilha tinha se alargado.

O terreiro começava atrair um bom número de filiados, frequentadores e estudiosos da religião do candomblé em áreas diversificadas. Visitantes das mais diversas partes do país e até mesmo do exterior estão sempre ultrapassando a porteira do Ilê Axé Ijexá. A heran-

ça de Inês Mejiã se firmava na terra grapiúna.

Muitos textos que eu produzi nessa caminhada, através das trilhas mencionadas, estavam espalhados por aí: jornais, revistas, antologias e gavetas. Isso terminou por se constituir um desafio ao meu olhar. O desafio tornou-se inquietude e era necessário construir uma saída. Novamente, é hora de juntar. Desta vez, juntar os textos que eu produzi ao longo de meu fazer e de meu viver, enquanto um babalorixá-professor e um professor-babalorixá que, sendo dois, nunca deixou de ser único, enquanto me construo poeta e prosador.

Os jornais, as revistas, as antologias, as gavetas. Tudo começou com Dona Elvira Marques, minha professora primária. Com ela aprendi a falar *estrangeiro*, mesmo falando português. Com Pedro Ferreira Lima, professor de Língua Portuguesa, estudei no Curso Científico. A ele devo o incentivo inicial para escrever. Depois, na Faculdade de Filosofia de Itabuna, com Manuel Simeão da Silva, também professor de Língua Portuguesa. Dele recebi o maior incentivo e orientação metodológica para meus escritos sobre a religião dos afrodescendentes.



Com Valdelice Pinheiro, aprendi a pensar organizadamente, de forma a evitar a contra-argumentação dos preconceituosos. Com Maria de Lourdes Netto Simões e Margarida Fabel fui iniciado nos meandros da Literatura. Com Dinalva Melo do Nascimento aprendia juntar Filosofia e Educação. Com Cyro dos Anjos aprendi a labutar na construção do texto literário. Com o povo do condomínio aprendi a vida.

Agora, é aguardar que os ancestrais me chamem de volta, para a necessária prestação de contas. Aqui estou! Presente!

Nada disso, no entanto, chegaria a bom termo sem a essencial ajuda de muitos, com os quais contei ao longo do “Caminho”. É até arriscado citar nomes, pois sempre há o perigo do esquecimento. Mesmo correndo riscos, devo destacar as pessoas que contribuíram de alguma forma para minha caminhada, a quem eu não poderia deixar de agradecer:

Mãe Mariinha, Mãe Maria Augusta Gomes de Oliveira (Tarabi), Malungo Monaco, Pai Pedro, Joana da Rodagem, Maria Soledade de Sá Maciel, Juventina Marques de Jesus (Doya Seçu), Samba de Amaze e meu *pai-pequeno* Elpídio Batista Maciel,



que me tomaram pela mão, no percurso afroreligioso.

Abgail Nobre Gomes, de eterna memória, cujos ombros maternais foram acolhedores durante minha adolescência e na minha trajetória, nos caminhos do orixá.

Evandro Barreto Sobral (Nanleaci), Raimundo dos Passos Cruz (Salegã) e Adriano de Souza Póvoas (Dameji), que me ajudaram na fundação do Ilê Axé Ijexá, antes de partirem para o *òrun*.

Mestre Eduardo Martins Reis e Antônio Ribeiro da Silva, de saudosa memória, amigos e benfeitores do terreiro.

Renée Albagli Nogueira, que tanto contribuiu para a manutenção do *Jornal Tãkàdá*, o informativo da comunidade religiosa Ilê Axé Ijexá.

Lindauro Brandão Oliveira, Valdelice Pinheiro, Willy Spielberg, João Arbage, Otávio Carvalho Valverde, Eolo Kamei,

Paulo Roberto de Souza e o casal Eulina e Francisco Teixeira, todos já do outro lado da vida, que se fizeram presentes na minha vida, em momentos críticos.

Maria Rita de Almeida Fontes, Carlos Eduardo Pitanga e

Denilton Martins Ramos, que me apoiaram desinteressadamente, em momentos decisivos da sobrevivência do terreiro.

Osmundinho Teixeira, que tanto tem dedicado seu talento artístico ao terreiro.

Litza Mary Modesto Câmara, Margarida Cordeiro Fabel, Maria de Lourdes Netto Simões, Renée Albagli Nogueira e Wanda Magalhães, colegas da universidade, que me ajudaram ao longo da carreira.

Marialda Jovita Silveira e Maria Consuelo de Oliveira Santos, parceiras e amigas, que estabeleceram comigo verdadeiro companheirismo nos estudos





Foto 26: acervo Kàwé

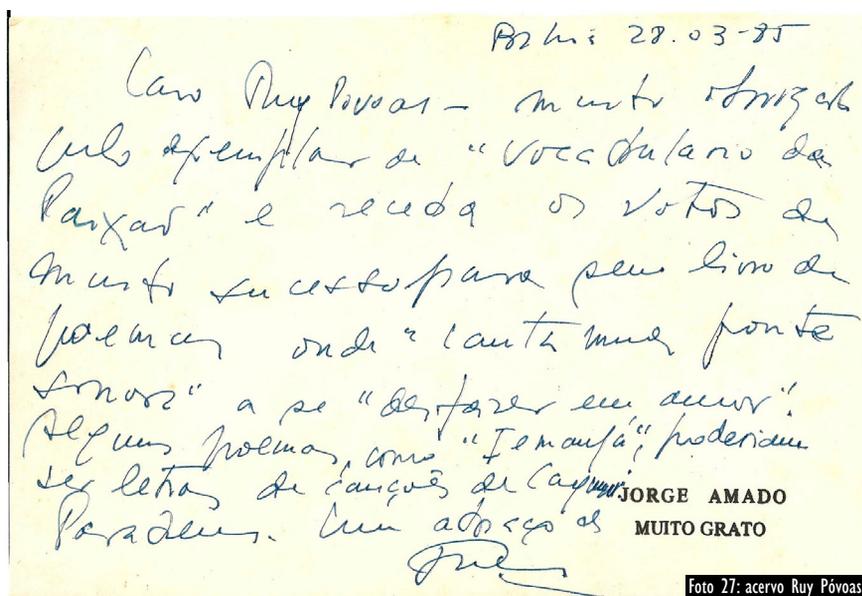


Foto 27: acervo Ruy Póvoas



Foto 28: acervo Ruy Póvoas

acadêmicos da afrodescendência e me impulsionaram a continuar.

Miguel Arturo Chamorro Vergara, pela resistência nas trincheiras do Kàwé.

Marlúcia Mendes da Rocha e Maria Laura de Oliveira Gomes, pelo tempo que dedicaram às reuniões e debates no Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais.

Raimunda Silva d'Alencar, exemplo de dedicação, amizade, zelo e competência. Maria Luíza Nora, Jorge Moreno e Maria Schaun, todos três da Editus, que tanto se empenharam em editar meus livros anteriores.

Luís Carlos Teixeira de Freitas, Clara Pinheiro e Cloniza Amadeu, que me ajudaram a destrinchar os romances de mim mesmo.

Jorge de Souza Araujo, que sempre demonstrou crença exaltada na minha pessoa, no que eu faço e me acolheu na sua residência nos bons tempos do Mestrado.

Os *amiguirmãos* Nilton Lavigne e João Agnaldo Moreira que caminharam comigo longas jornadas.

Dinalva Melo do Nascimento, mão amiga e olhar cuidadoso, nas trilhas e sendas que compuseram o "Caminho" e cujas sugestões lúcidas, na construção deste livro, foram imprescindíveis.

Dorival de Freitas, que me levou para a Academia de Letras de Ilhéus.

Aos amigos, colegas e companheiros da Academia de Letras de Itabuna.

A Academia de Letras da Bahia, que me premiou.

Herlon Brandão, que requereu à Câmara de Vereadores de Itabuna o título de “Cidadão Itabunense” para mim.

Fadori, amigo, irmão e filho, que nunca me deixou sozinho



Foto 29: acervo Ruy Póvoas



Foto 30: acervo Ilê Axé Ijexá

nos momentos de grandes enfrentamentos.

Maria Lúcia Góes Brito (Mukailassimbe), pela oceânica ternura, sempre cuidando de mim.

Meus irmãos, Ângela (Korobi) e Reinaldo (Zamaiongo), pela devoção da amizade, carinho e zelo.

Os filhos de santo do Ilê Axé Ijexá, pelo apoio e amor constan-

te, que sempre me dedicaram.

Agenor Póvoas, meu pai, que me ensinou as coisas dos brancos.

Maria do Carmo, minha mãe, que me criou para Oxalá.

Maria Gustavo de Jesus,

Mãe-Velha, que me deixou seu axé por herança,

Finalmente, os Ancestrais, que confiaram em mim, e meu *Eledá*, que fez realidade tu-

do aquilo que sonhei e me deu muito mais do que eu pedi.

A todos, o meu eterno reconhecimento e o penhor de minha gratidão.



Foto 31: acervo Ruy Póvoas

RUI
Generoso homem
de outros mares,
santo corpo de um deus
de ternura tanta
e tanta paz
que na brancura santa
de seu templo
eu me nasci mais pura,
eu me criei melhor.
Um beijo,
H
30.9.84

Foto 32: acervo Ruy Póvoas



Foto 33: acervo Marialda Silveira



Foto 34: acervo Marialda Silveira



Foto 35: acervo Marialda Silveira



Foto 36: acervo Marialda Silveira



Foto 37: acervo Kawé



Foto 38: acervo Marialda Silveira



Foto 39: acervo Marialda Silveira